

Senhora deputada Marta

Juliana - Há quanto tempo a senhora é deputada?

Sou deputada há 5 anos e alguns meses, tendo completado um mandato de 4 anos de 2012 a 2016 e voltado à Assembleia Legislativa em 2018.

Vânia - A palavra do ano 2019 foi Violência doméstica, o que se fez em Portugal para se combater esse problema?

Em Portugal, a violência doméstica é infelizmente, e ainda, um problema que apresenta contornos preocupantes. Há, contudo, uma sensibilização para o mesmo, que cresce de dia para dia. Os governos, tanto do da República, como o nosso Governo Regional, atentos para esta problemática, têm vindo a desenvolver um trabalho digno de nota, no sentido de combater este flagelo. No Governo da República, desde a celebração de protocolos com as associações de combate à violência doméstica à realização de campanhas cada vez mais frequentes e incisivas naquele mesmo sentido, de combate, de sensibilização, à emissão de guias de boas práticas neste âmbito, ao investimento na especialização de indivíduos no apoio às vítimas e na reabilitação dos agressores. A própria emissão dos Relatórios anuais de diversas entidades sobre esta temática são uma forma bastante clara de que há um empenhamento das entidades governamentais na redução dos casos de violência doméstica. Na nossa Região, o Governo Regional tem vindo a empenhar-se e a evoluir significativamente no combate à violência doméstica, com os sucessivos Planos Regionais de Prevenção e Combate à Violência Doméstica, e agora também, de Género que têm, efetivamente, vindo a dar frutos, como se tem visto com a redução dos números de casos. Temos que admitir que os números não são o que desejamos. As percentagens ainda são elevadas. Porque detrás destes números estão vidas, estão pessoas, estão famílias: mulheres, crianças, homens, idosos. E, enquanto houver uma única vítima, o número será sempre inadmissivelmente alto.

Catlin - Nas suas funções como Jurista como pode combater esse problema?

Nas minhas funções privadas, que desempenho como Solicitadora, nos casos que envolvem violência doméstica, sob as mais variadas formas, tenho aconselhado juridicamente, como é de esperar, as clientes que a mim se dirigem. Informo-as dos seus direitos, do desenvolver dos procedimentos que pretendem desencadear, e ajudo no reencaminhar para o apoio devido a nível judiciário, se assim for o caso. No entanto, como mulher, e se tal solicitação me é feita pela cliente, presto o apoio que uma mulher espera de outra. As mulheres devem solidarizar-se e apoiar-se mutuamente, sendo, efetivamente, as que detêm a maior “representação” de vítimas de violência doméstica. Mas não nos enganemos. Os homens também são vítimas. No entanto, ainda não recebi nenhum homem no meu escritório neste tipo de situação, que é muitas das vezes mantida em silêncio, creio que por uma questão cultural. Mas que eles existem, existem. Mantenho-me diariamente a par de todos os procedimentos e potenciais soluções para uma vítima de violência doméstica porque quero aconselhar os meus clientes da melhor forma.

Juliana - A violência nas relações só acontece entre casais adultos?

Creio que me estão a perguntar se a violência só acontece entre pessoas casadas. Não. A violência toma muitas formas, como pudemos ver hoje, e podemos encontrá-la nos mais diferentes tipos de relações. Nas franjas mais jovens, nos ainda não adultos, é conhecimento assente que a violência no namoro é uma realidade, em grande parte por causa da normalização dessa violência que muitas vezes não é reconhecida como tal. A pressão psicológica, as proibições, a humilhação pontual, o empurrão, o insulto, tudo isso, entre outras, são situações que configuram violência no namoro e que, tanta vez, é confundida como “pancadinhas de amor” ou “ele/ela faz isso porque gosta de mim” ou “ela/ele é ciumento/a porque me ama”. Tudo isso são crenças que se instalam e que depois são difíceis de desconstruir. Daí que caiba a todos, mesmo todos – aos amigos, à família, aos professores – capacitar a vítima de que não, nada disso é correto. Nada disso é bom sinal e só tende a agravar-se no futuro. Que tudo isso é, efetivamente, Violência.

Vânia - Quais são as formas de violência mais frequentes nas relações de namoro?

Do conhecimento que tenho, a violência psicológica é extremamente prevalente nas relações de namoro, em grande parte, como já referi, pela normalização da mesma.

Catlin - Quem é mais violento, rapaz ou rapariga?

Nas relações de namoro, como creio que me estão a perguntar, a minha crença é que a violência, especialmente a psicológica, é um fenómeno equilibrado. Aliás, existem estudos que comprovam que as raparigas são tão capazes de exercer violência psicológica sobre os namorados como os rapazes sobre as namoradas. Parece surpreendente, mas a realidade é que estamos tão habituados a que as mulheres sejam as vítimas de violência doméstica, que nos parece quase impossível que elas também sejam perpetradoras de violência nas situações de namoro. Mas também são, em grande parte por causa daquilo que não lhes parece ser violência e que o é, efetivamente. Por isso, creio que, no que à violência no namoro se refere, a violência, especialmente a psicológica, abrange ambas os sexos.

Juliana - Uma traição justifica que a violência aconteça?

Não há situação rigorosamente nenhuma que justifique qualquer tipo de violência.

Vânia - O que posso fazer se uma amiga estiver envolvida numa relação de namoro violenta?

Aquilo que eu faria, em primeiro lugar, seria sentar-me com ela e tentar fazer com que ela própria percebesse que se deve afastar dessa situação, que a mesma não lhe é benéfica sob qualquer prisma e que só se irá agravar no futuro. Não havendo essa abertura, denunciá-la é dever de quem conhece uma situação de violência no namoro. E não digo denunciar como se fosse algo mau. Digo falar, pela segurança da vítima, que vocês certamente estimam, em primeira instância, com os vossos professores. Os professores estão aqui para vos ajudar e orientar. Sei que, como ouvimos de uma vossa colega, muitos de vós têm medo de represálias por essa denúncia. É verdade e eu compreendo. No entanto, não precisa de ser facto público que essa denúncia é feita. Mas, acima de tudo, o que eu quero que compreendam é que as mudanças na sociedade, aos mais diversos níveis, foram feitas por pessoas que tiveram coragem de enfrentar as represálias que sabiam que lhes esperavam. Tantos exemplos de pessoas que ousaram tudo pela mudança, por tantas das liberdades que hoje tomamos por garantidas. A mudança faz-se a passo e passo. Mas, sem coragem e irreverência (e disso a juventude tem

tanto, mas tanto para dar), nada se move, nada se transforma, nada muda. E a vítima continuará vítima e o perpetrador, perpetrador.

Catlin - Que famílias podem ser afetadas pela violência doméstica?

Toda e qualquer família. A violência doméstica não escolhe estrato social, cor da pele, religião, idade. Afeta quem é financeiramente afortunado e quem não o é. A violência, de per si, não escolhe. É cega. Felizmente, do outro lado, temos sempre a senhora Justiça que, ela também, com o seu lenço sobre os olhos, não olha a nenhuma dessas características e está sempre de braços abertos à espera de quem a ela recorra.

Juliana - A violência doméstica só acontece dentro de casa?

Não. O artigo 152.º do Código Penal, que prevê o crime de violência doméstica, em lado algum prevê que, para que como crime seja classificado, haja a exigência que as ofensas tomem lugar debaixo de um teto comum. Por isso, não, de modo algum. Aliás, nos casos de violência no namoro, que é um tipo de violência doméstica, naturalmente que essa coabitação não é exigida para que estejamos na presença de um crime.

Vânia - Devemos respeitar o ditado popular «Entre marido e mulher não se mete a colher» neste tipo de situações?

Não. Os ditados populares nem sempre são sábios. Este é um caso desses.

Catlin - Depois do primeiro ato de violência, se o agressor pedir desculpa e for desculpado, a violência pode voltar a acontecer?

Pode e é provável que volte a acontecer. No entanto, o mero ato de se desculpar e de ser desculpado não deveria ser o fim da história. Quem pede desculpa deve reconhecer que agiu mal e procurar ajuda ou aceitar ser ajudado quando tal for sugerido. A propensão para a violência deve ser acompanhada e tratada, sob pena da reincidência que estão a mencionar. Todo o perpetrador merece a hipótese de ser ajudado e reabilitado. Mas para isso, tem que haver ação de ambas as partes.

Juliana - O namorado não dar liberdade nem mostrar confiança é um ato violento?

Sem dúvida. O conceito de violência vai muito para além do “bater”. O não dar liberdade é, efetivamente, um ato de violência. A falta de confiança, se se traduz em situações de pressão psicológica – as proibições, o controlo – serão estas formas claras de exercício de violência.

Vânia - Se o namorado impedir a namorada de vestir certas roupas é um ato de violência?

Claramente. É um ato limitativo da liberdade da namorada, como acima vimos. Logo, é óbvio que se trata de violência psicológica. Ninguém é dono de ninguém, capacitem-se disso.

Catlin - A vítima de violência no namoro fica afetada psicologicamente na vida adulta?

Pode ficar. Existem, no entanto, imensos mecanismos que hoje conseguem tratar as vítimas pelo que, se a estes recorrerem, têm imensas possibilidades de viver uma vida perfeitamente normal, sem sequelas. Há, hoje, imenso acompanhamento psicológico disponibilizado pelas associações

de apoio a vítimas de violência doméstica que fazem este trabalho de forma exemplar. A violência doméstica, e, no caso em questão, a violência no namoro não tem que ser uma sentença para a vida. Não é um selo que se tenha que carregar na pele. Procurar ajuda, tratamento, é o primeiro passo para uma vida perfeitamente normal. Falo como leiga no que respeita ao tratamento psicológico, naturalmente, mas também como quem conhece quem foi vítima de violência no namoro e que hoje vive uma vida normal.

Juliana - Na sua opinião, hoje em dia, há mais de violência nas relações entre jovens do que antigamente?

Não posso falar sobre o que se passava antigamente (partindo do pressuposto que o “antigamente”, para mim, é o tempo dos meus avós) porque de então só conheço o que os meus pais me contam. E se lhes forem perguntar, provavelmente a resposta seria que antigamente os namoros eram à janela e que toda a gente se respeitava que era uma coisa séria. Bem, eu não sei, não estava lá. O que sei é que a violência sempre existiu, sob uma forma ou outra. É intrínseca à natureza humana, infelizmente. Por isso eu acredito, e atenção que é uma crença pessoal, não baseada em quaisquer dados científicos, que a violência estava lá, simplesmente era falada à boca miúda ou simplesmente era assunto tabu. Hoje podemos falar sobre isso. E podemos verificar que os números da violência, desde que os conhecemos, estão a decrescer. Temos que trabalhar para eles, simplesmente, deixarem de existir. Trabalhar para que o respeito impere. É tudo, no fundo, uma questão de respeito.

Vânia - A violência no namoro é um problema social?

Sem dúvida. É um problema que é gerado por muitos condicionalismos, sejam eles comunitários, económicos, culturais, financeiros, etc., mas é um problema que pode “apodrecer” uma sociedade desde o seu âmago, se não for intervencionado e tratado. E, graças a muitas boas cabeças que nos governam e que assistem os nos governantes, está a ser – profundamente e aos mais diversos níveis.

Catlin - Muito obrigada pela sua colaboração e pela sua simpatia.

De nada. Só quero que se lembrem que o poder de mudar está nas vossas mãos e na vossa coragem e irreverência. Que eu sei que têm e faço fé para que as utilizem da melhor forma. Porque isto de ser, muitas vezes, contra a corrente, é duro. Mas é o que verdadeiramente faz a diferença. Não tenham medo de ser diferentes, abracem esse ser diferente. Requer força e muita teimosia. Mas é o que faz de nós seres humanos capazes de mudar as nossas circunstâncias e, no caso da violência doméstica, de mudar as circunstâncias das vítimas, que também precisam da nossa voz. Força.

